

CURRÍCULO DO CURSO DE FONOAUDIOLOGIA DA PUC-SP IMPLANTADO EM 1997 *

Maria Cecília Bonini Trenche **

Fui encarregada, pelos organizadores deste evento, da tarefa de apresentar em linhas gerais o currículo do curso de Fonoaudiologia da PUC-SP, que começou a ser implantado no ano de 1997. Produto final de intenso trabalho de reflexão, que envolveu o corpo docente da faculdade de Fonoaudiologia, esse currículo, mais que um conjunto de disciplinas organizadas em função da relevância científica que cada uma delas exerce no desempenho profissional nessa área, é um projeto pedagógico. Os princípios, metas e diretrizes deste projeto visam a oferecer uma formação filosófico-científica e técnica do profissional de fonoaudiologia.

Para falar desse projeto gostaria, antes, de retomar, ainda que de modo breve e sucinto, alguns aspectos da proposta curricular anterior, para que se possa ter uma dimensão mais abrangente do processo que envolveu toda a reforma curricular desde a sua concepção e das modificações que trouxe para a formação de nossos alunos.

* Comunicação feita na Jornada de Fonoaudiologia França-Brasil, realizada na PUC-SP, em outubro de 1997.

** Coordenadora do curso de Fonoaudiologia, PUC-SP.

Muito embora fosse um currículo extenso e moderno, porque atendia, de certa forma, aos anseios e necessidades da área, sobretudo no que diz respeito à tentativa de superação de concepções de formação restritivas (técnico e tecnólogo) existentes no momento em que foi concebido, o currículo antigo, que fora implantado em 1984, no início dos anos 90, já se encontrava bastante defasado em relação às discussões acumuladas na Universidade sobre formação clínico-terapêutica do fonoaudiólogo.

Aquele currículo oferecia ao estudante subsídios teórico-práticos para atuação no campo fonoaudiológico nos três primeiros anos do curso e o aprofundamento temático no quarto ano, por meio de disciplinas eletivas que eram oferecidas anualmente e denominadas módulo. Teoricamente, essa estrutura de grade curricular mais flexível permitia ao curso incorporar à formação do estudante as inovações produzidas na área por meio de disciplinas eletivas oferecidas na área de concentração: Linguagem, Audição, Educação e Módulos. Até certo ponto pode-se dizer que isto realmente ocorreu na prática, mas outras transformações foram se produzindo no interior de cada disciplina, em função da reestruturação natural dos programas e dos conhecimentos específicos adquiridos pelos professores individualmente, gerando a necessidade e urgência de se (re)pensar criticamente a formação que estávamos oferecendo aos nossos estudantes. O conteúdo de alguns módulos, para suprir deficiências que eram percebidas na formação geral do estudante, tornou-se obrigatório, comprometendo a idéia original de aprofundamento temático. Por outro lado, muitos outros conteúdos foram sendo acrescentados pelos professores, de modo isolado no interior de suas disciplinas, sem uma discussão mais ampla, e o que, a princípio, deveria explicitar ao estudante em formação a relação entre objeto, teoria e prática no campo fonoaudiológico transformou-se, na verdade, em um somatório de disciplinas e visões individuais de cada professor, não projetando, desse modo, clara e coerentemente um núcleo específico de formação do curso: a Fonoaudiologia propriamente dita.

As discussões que se estabeleceram no processo de reformulação curricular¹ fizeram emergir uma série de questões que, debatidas pelos professores uma a

1. O processo de Reforma Curricular do curso de Fonoaudiologia da PUC-SP, cuja proposta foi implantada em 1997, foi conduzido por uma comissão de professores coordenada pela vice-coordenadora do curso na época, professora Ruth Ruivo Palladino.

uma, permitiram traçar os princípios e diretrizes do novo currículo e definir os requisitos específicos e complementares à formação do fonoaudiólogo. Incorporando os significativos avanços, alcançados até então pela área, e reafirmando a fonoaudiologia como um campo de saber e de fazer próprios, procurou-se, então, traçar um perfil profissional do fonoaudiólogo, em relação aos conhecimentos, às competências e às habilidades indispensáveis a uma formação plena.

Com vistas a contemplar uma visão abrangente, aprofundada e crítica dos processos que envolvem linguagem e audição, em especial aqueles que abrangem a dimensão patológica, foram estabelecidos os eixos que sustentariam a nova estrutura de formação proposta neste novo currículo.

Diferente do perfil profissional que inspirara o currículo anterior, que se concentrou no conhecimento, competências e habilidades necessários às áreas de atuação (como já mencionei acima, as áreas contempladas eram: audição, linguagem e educação), o novo currículo estabeleceu uma outra arquitetura, baseada em um outro raciocínio. A lógica estabelecida naquele currículo provocara (dis)torções que a nosso ver dificultavam a compreensão da Fonoaudiologia como disciplina singular, que tem método (teoria e técnica) próprio e precisa desenvolvê-lo. O novo perfil foi traçado com base na premissa de que a Fonoaudiologia, por se constituir como uma disciplina científica, voltada para um campo de trabalho multifacetado, tem como base para suas diversas práticas a dimensão clínico-terapêutica, que é referência para as demais atividades de natureza não clínica e/ou terapêutica realizadas por fonoaudiólogos. Essa distinção se mostrou essencial, porque a Fonoaudiologia, nos últimos tempos, tem desenvolvido diferentes práticas fora do espaço clínico. São práticas de natureza diversa das práticas clínico-terapêuticas que, com objetivos e instrumentos próprios (e se não são, no nosso entender deveriam ser), implicam um tratamento teórico-prático específico. Considerou-se a possibilidade de estabelecer com maior clareza as implicações da formação clínico-terapêutica em práticas de outra natureza, se essa fosse tomada como básica.

Da reflexão sobre a formação/desempenho profissional/produção de conhecimentos destacou-se, portanto, na estrutura do novo currículo, um núcleo de formação específica – *a formação clínico-terapêutica* – acompanhada de outros dois núcleos: *formação fundamental*, que contempla o diálogo necessário com

outros campos de saber, e *formação em assessoria*, que sistematiza o conjunto de atividades que atendem demandas sociais fora do espaço clínico e, num certo sentido, estabelece perspectivas para que a produção de conhecimento dentro desse campo possa efetivamente desenvolver-se.

Para poder sustentar posturas crítico-reflexivas que devem ser assumidas em relação ao trabalho clínico-terapêutico e demais práticas fonoaudiológicas, buscou-se, assim, assegurar uma formação de cunho ético-filosófico e científico consistente, isto é, uma formação teórico-metodológica capaz de conferir consistência à atuação profissional que, do ponto de vista epistemológico, possa atender aos princípios e valores que regem o exercício profissional.

Para oferecer aporte teórico, vivência e reflexão da prática clínico-terapêutica foi organizado em torno desse núcleo de formação terapêutica um conjunto de disciplinas, de diferentes modalidades pedagógicas, isto é, teóricas, práticas e de supervisão.

É interessante observar que a ordem escolhida para processar essa forma revela a intenção teórica e o método utilizado, pois, definido o núcleo de formação clínico-terapêutico, tornou-se possível, então, estabelecer o campo para um diálogo mais fecundo entre a Fonoaudiologia e outros campos de saber. Pontuações de ordem epistemológica foram necessárias para que pudéssemos estabelecer os limites legítimos desse diálogo. Antes de mais nada, foi preciso considerar a impossibilidade de alcançarmos uma verdadeira interdisciplinaridade, pois qualquer área, por mais flexível e permeável que se propõe a ser, está voltada para a construção de um objeto que lhe é próprio. É a partir desse objeto que a área cria suas técnicas e constitui, assim, as operações metodológicas apropriadas ao seu campo de atuação. Nesse sentido, a busca de colaboração científica na perspectiva interdisciplinar tem se mostrado historicamente estéril para a produção de conhecimento no campo da Fonoaudiologia propriamente dito. Um exemplo disso foram as incursões feitas pela Fonoaudiologia à medicina, à lingüística e à psicologia, nas quais ela permaneceu em posição secundária ou auxiliar. Para evitar os erros cometidos no passado, procuramos criar um campo de diálogo com outras áreas, pautado na perspectiva do interesse em torno de questões comuns, mantendo, no entanto, o mais claro possível, a especificidade teórica do campo epistemológico de cada uma das áreas e os limites de validade de seus

conceitos. Desse modo, o núcleo de formação fundamental circunscreve as áreas do conhecimento com os quais estabelecemos nossas fronteiras. Concorrem para essa formação as seguintes áreas de conhecimento: antropologia, educação, filosofia, física, lingüística, medicina, psicanálise, psicologia e fonoaudiologia.

O núcleo de formação em assessoria prevê um trabalho de fundamentação e de desenvolvimento de atividades práticas nas quais a Fonoaudiologia se coloca a serviço de áreas como educação, teatro e outros meios de comunicação, para dar sua contribuição à sociedade não somente através do atendimento clínico-terapêutico.

Sendo ainda uma área carente em pesquisa, bibliografia e intercâmbio profissional, este núcleo tem uma tarefa importante no sentido de promover discussões críticas e transformações necessárias a esse campo de trabalho, sobretudo para que a atuação do fonoaudiólogo, em contextos que não o clínico-terapêutico, não fique atrelada de modo crítico às demandas institucionais. É importante que o aluno, ao entrar no mercado, não atue simplesmente na perspectiva de buscar problemas para os quais já possui soluções, mas que se disponibilize a analisar as questões que lhe são colocadas e a procurar soluções fundamentadas em uma postura crítico-reflexiva.

A nova proposta mantém, quanto à natureza das disciplinas, o sistema: disciplinas obrigatórias e eletivas. As primeiras são consideradas imprescindíveis à formação do fonoaudiólogo; as segundas são disciplinas que propiciam o aprofundamento temático, caracterizando-se como atividade acadêmica de formação complementar preestabelecida, isto é, que o estudante deve cursar (pelo menos duas), mas que pode escolher segundo seu interesse. Também podem ser incorporadas às disciplinas específicas e complementar as atividades opcionais livres, como é o caso de estágios realizados, por iniciativa do aluno, que tenham plano prévio, acompanhamento e avaliação de um supervisor (fonoaudiólogo). Trata-se de disciplinas que flexibilizam o currículo, permitindo a formação de profissionais com perfis diversificados. Uma vez garantida uma sólida formação específica, a formação complementar diversificada pareceu-nos uma forma eficiente de atendimento às demandas de mercado e às necessidades da própria área.

Em relação às modalidades pedagógicas de ensino, o currículo está organizado em disciplinas teóricas (conjunto de conteúdos que prescinde da práxis),

práticas (conjunto de conteúdos que supõe a práxis com intervenção direta do professor) e atividades supervisionadas (atividade que tem a práxis – sem intervenção direta do professor/supervisor – como material de reflexão). Vale dizer que o projeto pedagógico, no entanto, pressupõe a formação geral do estudante em um conjunto maior de atividades, tais como: seminários, eventos, discussões temáticas, iniciação científica, monitoria e estágios obrigatórios e opcionais. No estágio, por exemplo, trabalha-se com a participação do estudante em níveis diversos de complexidade que vão desde a atividade monitorada do professor (aulas práticas) até o trabalho supervisionado à distancia (supervisão), no qual o supervisor, como já foi explicitado anteriormente, não intervém diretamente na relação que o estagiário mantém com o paciente, familiares ou equipe profissional. Nesse caso o supervisor fornece suporte teórico-metodológico e ético para uma reflexão crítica das situações vivenciadas pelo estudante no estágio.

Para finalizar, gostaria de ressaltar ainda que um cuidado especial tem sido dedicado à preparação do professor. Seminários, discussões e debates foram preparados e estão sendo utilizados na implantação do currículo. Este processo já está desencadeado, e a participação do corpo docente e discente nesta nova etapa tem permitido a reflexão crítica deste novo currículo. Durante esse processo de implantação, estamos procurando garantir condições para que essa dinâmica inerente ao processo de mudanças, projetado pela reforma curricular, possa ocorrer em toda a sua extensão e profundidade.